

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)¹

DIGITAL INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN THE LITERACY PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

Jheynifer Luckmann Gomes ⁱ

RESUMO: Esse artigo teve como objetivo compreender o uso das Tecnologias digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa pautou-se na abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com professoras do Ensino Fundamental I e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola pública de Sinop, Mato Grosso. O referencial teórico baseia-se em Maria Teresa Eglér Mantoan, Paulo Freire e Magda Soares. O estudo evidencia que as TDIC são ferramentas mediadoras relevantes no ensino de crianças com TEA, que demonstram grande afeição por estímulos visuais. Entretanto, são destacados desafios como a ausência de formação adequada para os docentes, salas de aula superlotadas e a falta de programas tecnológicos específicos para atender às individualidades desses alunos.

Palavras-chave: Alfabetização. Tecnologia digital de informação e comunicação. Transtorno do Espectro Autista. Desafios.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA), sob a orientação do Prof. Me. Flávio Penteado de Souza - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2025/2.

ABSTRACT²: This article aimed to understand the use of digital information and communication technologies (DICT) in the literacy process of children with Autism Spectrum Disorder. The research was based on a qualitative approach through semi-structured interviews with teachers from Elementary School I and from the Specialized Educational Services in a public school in Sinop city, Mato Grosso State. The theoretical framework is based on theorists like Maria Teresa Eglér Mantoan, Paulo Freire, and Magda Soares. The study highlights that DICT are relevant mediating tools for the educational process of children with ASD, considering that they show a great fondness for visual stimuli. However, some challenges are pointed such as the lack of teachers appropriate training, overcrowded classrooms, and the absence of specific technological programs to support these students' individual needs.

Keywords: Literacy. Digital technology. Autism Spectrum Disorder.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por transformações constantes impulsionadas pelas tecnologias digitais, que alteram profundamente os modos de aprender e ensinar. No contexto da educação inclusiva, o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tem se mostrado essencial para potencializar o processo de ensino-aprendizagem, especialmente no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas crianças, em sua maioria, apresentam grande afinidade com estímulos visuais e interativos, o que torna as tecnologias importantes ferramentas mediadoras da aprendizagem.

O presente estudo teve como objetivo compreender de que maneira as TDIC são utilizadas no processo de alfabetização de crianças com TEA, analisando as práticas docentes e os desafios enfrentados. A pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas com professoras do Ensino Fundamental I e do AEE em uma escola municipal de Sinop/MT. O aporte teórico baseia-se em autores como Mantoan (2003), Freire (1996; 1989) e Soares (2004; 2008; 2016), que fundamentam as discussões sobre alfabetização, inclusão e mediação pedagógica.

² Resumo traduzido por Professora Mestra Betsemens Barboza de Sousa. Graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT Campus de Sinop(2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMT Cuiabá (2015). Doutoranda em Letras pelo PPGLetras da UNEMAT Campus de Sinop (2025). <http://lattes.cnpq.br/5302438508837994;teacherbettybarboza@gmail.com>.

2 DESENVOLVIMENTO

A alfabetização, entendida como processo que envolve tanto o domínio do código escrito quanto o desenvolvimento de práticas sociais de leitura e escrita (Soares, 2016), é um dos grandes desafios no ensino de crianças com TEA. Segundo Freire (1989), alfabetizar é ler o mundo antes de ler a palavra, o que implica compreender a realidade do sujeito em seu contexto social e cultural. Já Mantoan (2003) defende que a inclusão escolar exige uma reestruturação profunda das práticas pedagógicas e da organização escolar.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nesse contexto, assumem o papel de ferramentas mediadoras do conhecimento, conforme a teoria socioconstrutivista de Vygotsky (2010), que enfatiza a importância da interação e da mediação simbólica no desenvolvimento cognitivo. Em crianças com TEA, as tecnologias digitais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da linguagem, da atenção e da autonomia, desde que sejam utilizadas de forma planejada e intencional.

2.1 Referencial Teórico

A alfabetização, entendida como processo que envolve tanto o domínio do código escrito quanto o desenvolvimento de práticas sociais de leitura e escrita (Soares, 2016), é um dos grandes desafios no ensino de crianças com TEA (Oliveira, 2017). Portanto, ler e escrever faz parte do contexto histórico social, assim como as suas práticas, produção e interpretação, é preciso estar claro que o ensino da língua deve ser a favor da inserção social do sujeito, da sua participação democrática nele, e do seu livre arbítrio linguístico.

Portanto, “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.” (Freire, 1989, p. 7)

Nesse sentido, alfabetização é uma construção que dialoga, não se trata de um ato de imposição de cima para baixo, mas uma ação espiral que expande com a colaboração do aprendiz, aliada ao saber docente do nível de conhecimento que o aluno possui. Soares (2004, 2008, 2016) conceitua a alfabetização como um conjunto de habilidades que vai além da aquisição da língua, sendo a transformação do significado em significante. Ela aponta três facetas da aprendizagem da leitura e escrita (Linguística/Alfabetização, Interativa/Letramento e Sociocultural/Letramento) e afirma que dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, pois são processos interdependentes e indissociáveis.

Diante das ações pedagógicas que podem ser feitas com o uso da tecnologia, é necessário destacar que Mantoan (2003) defende que a inclusão escolar exige uma reestruturação profunda das práticas pedagógicas e da organização escolar, nesse cenário é preciso aprender o contexto das mediações fundamentais para o processo de ensino dos estudantes. Tendo como base a reflexão de Mantoan, podemos concluir que:

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada. Para mudar as condições excludentes de nosso ensino escolar, enfrentam-se inúmeros desafios. Particularmente, sou muito criticada pelo meu radicalismo ao condenar as medidas adotadas pelas escolas para reagir às diferenças. Conheço a escola por dentro e aprendi a entendê-la, vivenciando o seu cotidiano. Falo “da escola e não “sobre” a escola, e, assim sendo, sou bastante segura ao denunciar o velho e ao sugerir a sua revitalização (2003, p. 31).

Nessa perspectiva as TDIC assumem o papel de ferramentas mediadoras do conhecimento, conforme a teoria socioconstrutivista de Vygotsky (2010), que enfatiza a importância da interação e da mediação simbólica no desenvolvimento cognitivo. Em crianças com TEA, as tecnologias digitais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da linguagem, da atenção e da autonomia, desde que sejam utilizadas de forma planejada e intencional. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação atuam no campo das relações sociais e culturais imprimindo novas disposições de aprendizagem e interações entre os diversos sujeitos, centralmente o da educação escolar. Além disso, a construção do conhecimento se dá pela interação sujeito-objeto, numa perspectiva construtivista que remonta a Piaget (1937), sendo o ato de interagir reforçado pelo uso de ferramentas lúdicas e exploratórias, como um dos principais elementos os encontramos os jogos digitais.

É relevante destacar que estímulos visuais com interações, vídeos, imagens e recursos digitais como a lousa digital (tela digital) são ferramentas com grande potencial de atrair alunos com TEA, o apelo visual e sonoro são fatores extremamente relevante, a integração efetiva no uso das TDIC ocorre quando os recursos a serem utilizados atuam como facilitadores na participação ativa do processo pedagógico. Portanto, a tecnologia no processo de alfabetização deve ser vista como um recurso a ser explorado pelo usuário, acompanhando-o no cotidiano para promover maior eficiência e autonomia de aprendizagem.

Segundo Gaiato (2018), no contexto de ensino devemos realizar as mesmas atividades que os demais colegas, quando não for possível, faz-se necessário adaptações simples, sempre evidenciando os pontos fortes dos alunos com TEA, desse modo, alguns recursos são extremamente bem vindos no processo, incluindo itens, figuras, entre outros que sejam do interesse do aluno.

Alfabetizar crianças com TEA tendo a tecnologia como ferramenta mediadora, configura-se um dos desafios da educação contemporânea, especialmente no âmbito da escola pública, onde nos deparamos com sala de aulas superlotadas, e a crescente demanda de aulas com laudo sem o suporte adequado. Reconhecer essa complexidade é essencial para que as intervenções educativas deixem de ser responsabilizadas exclusivamente do professor e passem a considerar o papel das condições de ensino, da formação docente, da estrutura escolar que constituem o processo educativo. É necessário um diagnóstico preciso para sejam implementadas políticas públicas eficazes.

Portanto, compreender o uso da tecnologia no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista, é a condição para a formulação de prática pedagógicas que não apenas estimulem o processo de aprendizagem, mas que atue efetivamente na promoção da alfabetização de forma significativa e inclusiva. No entendimento de Mantoan (2003), encontramos o sucesso em explorar os talentos, possibilidades e dispor do desenvolvimento de cada aluno no processo de ensino, evidente que limitações sempre serão reconhecidas, mas jamais serão restritivas.

2.2 Abordagem Metodológica

A pesquisa é de abordagem qualitativa com delineamento descritivo, segundo Ludke e André (1986), nessa abordagem os estudos são realizados em seus ambientes naturais para que os problemas a serem investigados não sofram manipulação intencional por parte do pesquisador. Essa abordagem é a mais indicada para ser utilizada em fenômenos educacionais, o que proporciona ao pesquisador uma melhor compreensão da realidade pesquisada.

A coleta de dados envolveu entrevistas semiestruturadas coletadas no primeiro semestre de 2025, as participantes deste estudo são três professoras sendo duas delas professoras do Ensino Fundamental I e uma professora de Sala de Atendimento Especializado (AEE) na rede Municipal de Sinop-MT. Para a escolha das participantes, foi utilizado como critério serem professoras de sala comum que atuam nos anos iniciais que tenham alunos com TEA e uma professora de AEE que atenda aluno com TEA do Ensino do Fundamental I. Os dados foram coletados na própria instituição escolhida na hora atividade das professoras.

Na abordagem aplicada, todos os aspectos éticos foram respeitados para garantir a confidencialidade das participantes e o uso exclusivo para fins acadêmicos. Todas as participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os dados obtidos oferecem aportes para compreender os desafios do uso da tecnologia no processo de alfabetização que podem nortear intervenções pedagógicas e políticas educacionais futuras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados das professoras P1 (1º Ano), P2 (1º Ano) e P3 (AEE) concentrou-se nos benefícios da tecnologia, nos desafios de sua implementação e na necessidade de formação especializada. Há um consenso geral entre as entrevistadas de que a tecnologia é uma ferramenta mediadora relevante e importantíssima no ensino de crianças com TEA. Assim, no universo investigado, destaca-se nas falas das participantes a valorização dos recursos digitais disponíveis nas escolas de Sinop, como telas interativas e laboratórios de informática, que cumprem funções importantes de apoio às práticas pedagógicas em sentido amplo. Contudo, qual se apresenta como o principal desafio nesse processo? A articulação entre tecnologia e currículo revela-se complexa quando se trata de realizar adaptações individualizadas, pois, ao mesmo tempo em que há a necessidade de atender às especificidades do estudante com TEA, os demais alunos também

demonstram interesse em participar dessas atividades tecnológicas. Essa situação evidencia a tensão entre a inclusão coletiva e a personalização do ensino, que precisa ser cuidadosamente administrada pelo professor, dessa maneira as professoras são questionadas:

1. Como você define os principais benefícios do uso da tecnologia no processo de alfabetização das crianças com transtorno do espectro autista?

(01) P1: Quando as crianças têm suporte 1 e 2, eu trabalho muito o método da onomatopeia, trabalhando o som das letras com as crianças e os vídeos temáticos, de acordo com o conteúdo que eu estou trabalhando. Então, por ser uma coisa mais lúdica, mais chamativa, eles acabam aprendendo melhor (Entrevista).

(02) P2: Olha, eu para te falar, porque eu já estou há 23 anos no primeiro ano, eu te falo que seria de uma grande riqueza. Se fosse realmente especificado os benefícios da tecnologia, acende diretamente aos autistas, específico para eles, o que fazer. Até porque muitos não desenvolvem a escrita, não desenvolvem a leitura, então o uso da tecnologia seria o ideal.

(03) P3: Importantíssimo, porque é uma ferramenta que atrai os TEA. Entendeu? Então, cabe aos profissionais saber fazer o uso dessa tecnologia para auxiliar esse aluno no desenvolvimento, no processo da alfabetização dele.

2. Na sua opinião, a tecnologia pode ser adaptada ao currículo de ensino de crianças com TEA? De que maneira?

(04) P1: Sim, não só as crianças com TEA, mas as demais crianças da sala de aula. Graças a Deus, o município de Sinop tem nas salas telas digitais que são maravilhosas, e nos auxilia bastante, nos ajuda nessa parte e o laboratório de informática. Agora, quando precisa adaptar para uma única criança a parte tecnológica, aí fica um pouquinho mais difícil porque as outras crianças também querem participar e realizar essa atividade. Mas é possível.

(05) P2: Com toda certeza. Pode ser adaptado, sim. Até porque já está sendo usado, né? Adaptado para aquelas crianças que não desenvolvem a escrita, a fala. Então, a tecnologia os desenvolve, chama atenção pelas cores, pela facilidade. Os jogos, as cores. Eles conseguem fazer uma associação melhor. Eles conseguem associar melhor, visualizar. Para muitos, é a visão, é o visual. O visual, né.

(06) P3: Com certeza. Primeiramente, o professor deve conhecer o seu aluno e saber como adaptar essas atividades, para desenvolver junto a ele. Se o professor não conhece o aluno, tudo aquilo que ele propicia dentro da tecnologia não vai surgir o efeito positivo, que é o esperado que a gente tem.

3. De qual forma os recursos tecnológicos usados em sala de aula podem auxiliar nas habilidades de comunicação e sociabilidade das crianças com TEA?

(07) P1: Como já falei anteriormente, a escola possui a tela digital, onde a gente usa tanto para pesquisa, como para trabalhar com músicas, partes do corpo, coordenação motora e ela trabalha bastante a questão da oralidade, porque você vai cantar musiquinha com eles, fazer gestuais e ela vai ajudar também no próprio processo da alfabetização, porque ela trabalha sons de letras, sílabas, parlendas, quadrinhas. Campo do cotidiano da criança, vários gêneros textuais que vai auxiliar nesse processo.

(08) P2: Dependendo do grau do autismo, ele pode ser utilizado através de jogos, cores, desenhos, historinhas do dia a dia, das famílias. Essas histórias desenvolvem muito ele. São essenciais. No meu caso, eu acho que são. Essenciais. É perfeito.

(09) P3: Muitos. Aí nós temos aí, aí falta o que? Conhecimento. Nós temos a prancha, que é um recurso muito importante, que a gente trabalha para aquele autista que não é verbal. Então é a forma que ele tem de se comunicar. Mas hoje a gente não tem isso em sala de aula. Entendeu? Porque eu volto lá, não temos esses programas. Porque esses programas viriam de encontro. Nós temos aqui duas não verbal. Então ainda é no gesto a comunicação que a gente faz com elas.

As falas das professoras revelam que a tecnologia ocupa um lugar reconhecido como recurso pedagógico de grande potencial, tanto para estudantes com TEA quanto para os demais colegas da sala. Há um consenso de que os recursos digitais — como telas interativas, jogos e laboratórios de informática — ampliam o interesse, a atenção e a capacidade de associação dos alunos, sobretudo pelo apelo visual, ressaltado pela Professora B como central na aprendizagem de crianças com TEA.

Por outro lado, emergem também tensões e limites desse processo. A Professora A sinaliza que, embora a tecnologia esteja disponível e seja eficaz, sua adaptação individualizada encontra dificuldades quando o recurso desperta o interesse coletivo da turma, colocando em evidência o dilema entre inclusão geral e personalização do ensino. Já a Professora C enfatiza que a tecnologia, por si só, não garante resultados: ela precisa ser mediada pelo conhecimento do professor sobre as necessidades específicas de cada aluno, reforçando a centralidade da intencionalidade pedagógica.

As práticas pedagógicas têm passado por uma reorganização na perspectiva inclusiva, já que são afirmados pelas professoras adaptações aos currículos que precisam ser realizados no cotidiano dos alunos com TEA, por tanto o suporte tecnológico dentro de sala de aula tornou-se indispensável,

uma vez que sem estratégias e materiais que atendam as necessidades, é difícil garantir a participação efetiva nas atividades propostas. Segundo Freire (1996, p. 17), podemos concluir que:

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade.

Uma das tarefas mais importantes do professor no processo de alfabetização é assumir condições para que esses alunos diante da prática desenvolvida dentro de sala de aula tenham vivências que contribuam para sua alfabetização, o que pode parecer pequeno aos olhos de alguns, a nós educadores uma simples relação entre o que está sendo dito, e a imagem que o aluno com transtorno do espectro autista consegue compreender, torna-se transformador.

No processo de inclusão dos alunos com TEA em sala de aula, um dos maiores desafios é estimulá-los, além disso é comum encontrarmos casos em que a comunicação limitada, baixa ou nenhuma socialização, concentração, e interesses extremamente restritos. Em alguns casos, os alunos autistas apresentam dificuldade em seguir rotina escolar. Nessa perspectiva Mantoan (2003, p. 38) apresenta:

O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem. nem restringem o processo de ensino, como comumente se deixa que aconteça.

O ponto de partida que precisamos ter é que ensinar a turma toda propondo uma metodologia ativa com auxílio do uso das tecnologias, é um desafio que os educadores podem encontrar, no entanto carecemos de um ensino que não diferencie cada aluno ou grupo de alunos pelas suas habilidades intelectuais, buscamos a qualidade na entrega do ensino, para que todos os educandos consigam ser atendidos dentro das suas limitações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como objetivo demonstrar através do estudo que o uso das TDIC tem se mostrado eficiente no processo de processo de alfabetização com resultados promissores. Sua aplicação abrange inúmeras áreas do conhecimento e desenvolvimento, proporcionando para os alunos com TEA, atividades e/ou jogos que dependam da sua interação direta com o objeto de estudo

sem que necessariamente haja algum tipo de vocalização, já que alguns alunos com TEA não possuem um repertório de fala desenvolvido devido ao grau do transtorno.

Cabe ressaltar que os resultados obtidos, apontam que a realidade está muito além do ideal e que é preciso muito mais para que o processo de alfabetização e o uso das TDIC seja de forma efetiva nas salas de aula. Embora os resultados sejam promissores ainda existem barreiras que precisam ser desfeitas. Freire (1996) defende que a melhoria da prática pedagógica continua depende da sua análise crítica e reflexão. Para o autor, a teoria e a prática devem estar intrinsecamente ligadas, de modo que a teoria, ao se distanciar momentaneamente para análise, retorno à prática para aprofundar toda a compreensão e permitir uma abordagem rigorosa e menos ingênua. (p.17)

Portanto o uso dos recursos tecnológicos é um aliado em ascensão no desenvolvimento dos alunos com TEA, contribuindo na interação do seu meio escolar. Dessa forma, compreender que oferecer uma educação de qualidade faz parte do que defendemos enquanto educadores, o que está longe de suprir todas as necessidades e exigências socialmente impostas, em questões sociais e profissionais, no entanto se faz necessário o acolhimento e a insistência para que dentro de sala de aula o processo de aprendizagem tenha como eixo norteador uma educação inclusiva que abrace cada aluno dentro das suas limitações.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 de junho de 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 out. 2025.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GAIATO, M. S.O.S. Autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: NVersos, 2018.
- GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. Educação Especial, formação de professores e o uso das tecnologias de informação e comunicação: a construção de práticas pedagógicas inclusivas. In: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (org.). As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 11-24. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-259-8.p11-24>
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; GIROTO, Claudia Regina Mosca (Org.). Educação Inclusiva: em foco a formação de professores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 15-32.

MARTINS, O. B.; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. REVISTA Intersaberes, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 8–28, 2012. DOI: 10.22169/revint.v7i13.245. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 4 dez. 2025.

OLIVEIRA, Fernanda Luiza Ferreira de. A criança autista na educação infantil. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 779–796, 2017. DOI: 10.30681/rebs.v8i2.10007.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. Ed. Editora Contexto, 2008.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. revista brasileira de educação, FapUNIFESP [S.L.], n. 25, p. 5-17, abr. 2004.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. Revista de Educação e Psicologia, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 45–60, jul./dez. 1991.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes 1994.

Recebido em: 20 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/rebs.v16i3.14737>

¹ Jheyninger Luckmann Gomes. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8589646248655145>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8801-9666>

E-mail: jheyninger.luckmann@unemat.br